

## Pensar em tempos de pandemia

### *Thinking in pandemic times*

#### Resumo

*O artigo discute a diferença entre pensar o que acontece hoje, em tempos de pandemia, e pensar o hoje. Propõe esboçar uma filosofia do hoje, atentando para a sua dimensão político-existencial.*

**Palavras-chave:** tempos de pandemia; filosofia, hoje, existência.

#### Abstract

*The article discusses the difference between a thought of what is happening today, in pandemic times, and a thought of the today. It proposes a philosophy of the today, paying attention to its political-existential dimension.*

**Keywords:** Pandemic times, philosophy, today, existence

Precisamos partir de onde estamos. Onde estamos? Estamos na situação de não poder partir, na situação em que todo ponto de partida está suspenso. Estamos na situação de confinamento, isolamento e imobilização não só físicos, mas também metafísicos, das várias dimensões que incluem e ultrapassam o físico. Estamos cada um num “aqui” isolado e separado e num “agora” que,

\* Escola de Cultura e Educação da Universidade de Södertörn. Contato: [marcia.cavalcante@sh.se](mailto:marcia.cavalcante@sh.se)

em princípio, pode ser compartilhado por todos: um “aqui” só meu, um “agora” de alguns, que podem ser poucos ou muitos, que poderiam ser todos e também ninguém. Estamos cada um no seu computador – para os que possuem um – compartilhando o mesmo agora. Estamos num aqui e agora, num *hic et nunc* zumado por uma plataforma chamada *zum*, inventada por um chinês americano. Vale lembrar que a palavra *zum* foi usada para designar uma lente fotográfica capaz de aproximar e distanciar segundo o olhar perspicaz do fotógrafo. Podemos lembrar uma cena bem no começo do filme *It* de 1927, a primeira vez que se usou o efeito de *zum* no cinema<sup>1</sup>. Nessa plataforma, o efeito *zum* se transformou bastante, pois a câmera não mais *zuma*: nela nos vemos fixados no máximo *zum*, no aqui e agora de cada um. Nas plataformas desse tipo, fazemos a experiência de uma tela ter-se tornado o nosso aqui e agora: não mais uma lente aproximando ou afastando o olhar do aqui e agora, mas a tela convertida no aqui e agora. O aqui e agora fica parado e estamos neles fixados. É assim que aparecemos uns para os outros como zumbis. Nesse vocabulário de zums e zumbis estamos cortados não só do contato físico e da física-química do contato, mas de sua força de resistência transformadora – que um outro Zumbi, o Zumbi dos Palmares (1655-1695) nos lembra como um grande testemunho.

Nessa situação somos tocados pela distância que não deixa nos tocarmos, mas que virtualmente nos reúne, quando nossas imagens fixadas no aqui e agora são vistas ao mesmo tempo, com nossas vozes que embora possam ser ouvidas, perdem-se rápida e continuamente. Essa situação *zum* não é, porém, apenas uma situação dada e inexorável como um dia de calor ou o fato de sermos bípedes na terra: é um posicionamento. Como sabemos, no Brasil, o confinamento é um *auto*-confinamento, o isolamento um *auto*-isolamento. No Brasil, onde o nosso hoje da situação pandêmica está situado, nos *auto*-confinamos e *auto*-isolamos, num duplo movimento de proteção da vida e de contestação contra a pregação do não confinamento e do não isolamento pela necropolítica do governo fascista, que devora o país com violência desvairada. *Auto*-confinamento e *auto*-isolamento significam que alguns “nós” se confinam e isolam por decisão própria, enquanto outros “nós” não o fazem, por decisão im-própria. A situação não é, porém, de contrastes tão nítidos, pois confinamento e isolamento significam para milhares de pessoas a escolha entre peste e cólera, entre morte por corona vírus ou morte de fome. Não

---

1 [https://en.wikipedia.org/wiki/It\\_\(1927\\_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/It_(1927_film)) [https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=S-4MOQSRC\\_bM](https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=S-4MOQSRC_bM)

podemos esquecer que a sociedade brasileira é uma sociedade suicidada pela própria sociedade há muitos séculos: a pandemia não foi só uma arma dos primeiros colonizadores, mas a pandemia da miséria e da injustiça social está de longa data matando uma grande porção da sociedade, esse difícil nó de muitos nós que é a sociedade brasileira.

Partir de onde estamos – de onde o nosso hoje está situado – pois não só estamos situados no hoje como o nosso hoje encontra-se numa situação de tremenda urgência, que nos levou imediatamente a diagnosticar o nosso hoje, a nossa condição e situação de brasileiros. Mas como evitar fazer diagnósticos, já que estamos nos debatendo e debatendo uma doença letal e desconhecida, o covid-19, ao mesmo tempo em que somos abatidos por uma pandemia política e social, demandando de nós estratégias de resistência e oposição desconhecidas? Aqui e agora temos que enfrentar tanto uma epidemia global, a pan-epidemia como uma epidemia local, nacional, uma *pan-demo-epidemia*, um cerco de fora e de dentro ao mesmo tempo, pois o vírus que veio de fora se adentrou e o vírus de dentro contaminou todo o fora. Nossa situação não é só pandêmica, é pandemoníaca. Uma primeira questão que então se coloca é: pensar o hoje, pensar a filosofia hoje, a necessidade de pensar o que está acontecendo conosco hoje – será o mesmo que fazer diagnóstico de nosso hoje? O sentido médico de diagnóstico é reconhecer a doença pelos sintomas. Hoje, inúmeros *lives*, *streams*, por diferentes plataformas de encontro, *meetings* se multiplicam articulando dois lados de um mesmo papel social do filósofo, do professor, do intelectual e do estudante: por um lado, o papel social de médicos, fazendo diagnósticos da doença que nos abate, tanto no corpo físico de cada um, como no corpo social, para avaliar a tremenda ameaça das múltiplas formas de extermínio: genocídio, biocídio, multicídio diante de nós; por outro lado, o papel social do profeta, fazendo vaticínios: o que vai acontecer depois da pandemia, mudança radical (Zizek) ou retorno ainda mais extremo ao antes (Byung-Chul Han). O filósofo-médico, o filósofo-arauto. Aos que se acrescenta a antiga figura do filósofo-consolador, trazendo frases feitas e prontas da história da filosofia, lembrando que a humanidade já sobreviveu as mais variadas catástrofes. Até que ponto diagnosticar, vacinar, consolar o aqui e agora do nosso hoje é pensar o hoje?

Como pensar o hoje, o nosso, o nosso hoje aqui e agora? Para responder a essa pergunta temos que de algum modo colocar a pergunta do que é pensar. Pensar são muitas coisas: lembrar de alguém ou do que já foi pensado, pensar no que temos e queremos fazer ou no a ser pensado, refletir e calcular, meditar e ponderar. Há ainda muitos modos de pensar: não só a filosofia e as

suas inúmeras variações são os donos do pensar, também as artes e a experiência sensível são modos de pensar; outras culturas têm outros modos de pensar que não se identificam com a filosofia, e culturas milenares até consideram que sabedoria é saber não pensar. Nem mesmo a filosofia tem uma identidade, pois está sempre precisando se redefinir, dizendo filosofia não é mito, não é política, não é retórica, não é sofisticada, não é opinião, não é ciência, não é lógica, não é literatura, não é arte, não é poesia, não é até mesmo filosofia. Talvez filosofia seja esse contínuo dizer “filosofia não é...”. Ao mesmo tempo, há milênios vive o mito da filosofia, a sedução da filosofia a ponto dessa palavra pronunciada pela primeira vez na Grécia continuar sendo dita com vários sotaques sem tradução, pois se existe uma palavra intraduzível no vocabulário da filosofia esta é filosofia, filosofia! [A palavra que falta no dicionário dos intraduzíveis da Barbara Cassin] Talvez filosofia nada mais seja do que a sua sedução... mas o que seduz na filosofia? Hoje todo mundo é filósofo: basta ter uma vídeo-câmera, uma biblioteca atrás, uma mesa cheia de rifles, para se chamar filósofo, ser encontrado na net por neofascistas ignorantes e virar o seu grande ideólogo. Mas isto também pode ser feito sem rifles na mesa. Tudo em nome da filosofia. Mas talvez o grande problema não esteja apenas nos embusteiros, naqueles que são as fake-news, mais do que os seus produtores; talvez o problema não esteja tampouco em quem não pensa, em que a ciência não pensa como Heidegger disse num certo momento, que a arte precise do filósofo para pensar o que ela faz, como disse Adorno, etc; talvez o problema esteja na própria filosofia. Talvez a filosofia seja quem tem dificuldade de pensar. E talvez essa seja a sua sorte. Talvez tenha chegado a hora de se perguntar não por como pensa a filosofia, mas como ela não pensa ou que a impede de pensar. O que impede a filosofia de pensar na filosofia é, de início, ela ter sido paradigma de uma cultura e uma civilização e não tanto por ser uma filosofia europeia-ocidental; por ter fixado *o pensar* num modo substantivo de pensar e ter erigido esse modo como forma de uma cultura e uma civilização. Talvez o problema tenha sido de a filosofia ter instituído uma identidade cultural e não por ter tal identidade cultural. Desde os gregos, a filosofia se compreendeu como a força, a energia de um questionamento capaz de descongelar as opiniões fixadas pelo senso comum, (evocando a imagem do gelo usada por Hannah Arendt), de quebrar com os pré-conceitos, (coisa que Einstein admitiu ser mais difícil do que partir um átomo), de dissipar idolatrias, de diluir a rigidez de ideias fixas, das tradições e o ferro das ideologias. A filosofia emerge na Antiguidade como atividade libertária, mística – podemos lembrar as figuras de Pitágoras e de Sócrates – como realização

da liberdade humana – uma liberação do homem no homem, que os antigos e uma longa tradição posterior entenderam como liberar o homem dentro do homem, definindo a aspiração mais humana aquela de tornar-se um ser humano. Para tanto, é preciso deixar o conhecido e o familiar, o seguro e o óbvio, questionar todo saber prévio dado e estabelecido, e cumprir uma odisseia da consciência, uma viagem de formação do espírito, para retornar a Ítaca – à casa da existência, com o espírito alargado pela visão do universal, da unidade, da totalidade. A odisseia libertária da filosofia – seguindo esse imaginário grego – é a odisseia da busca do sentido, do sentido capaz de reunir numa unidade e numa identidade única todas as diferenças e discrepâncias do real se fazendo, da vida se realizando. No movimento de deixar significações fixas para percorrer travessias em busca do sentido, busca-se um retorno à terra firme, a uma nova firmeza. “A miséria da filosofia”, lembrando o título de Marx, é desvencilhar-se de preconceitos para construir novos preconceitos, é perder as manhãs do movimento de pensar ao fixá-las em conceitos e concepções, trazendo uma imagem de Nietzsche. Dar-se conta de como a filosofia – entendida nesse movimento de deixar – viajar/investigar/procurar/desejar e voltar/aterar/pousar constrói novos preconceitos ao liberar do preconceito. Essa é a miséria. Foi uma consciência aguda de que a filosofia é que constrói as ilusões transcendentais que mobilizou o projeto crítico de Kant, transformando o tradicional gesto crítico da filosofia em autocrítica. Talvez a filosofia moderna seja toda ela mais uma suspeita da filosofia do que do bom senso, [lembremo-nos do elogio de Descartes ao bom senso: “o bom senso é a coisa do mundo mais bem distribuída...”].<sup>2</sup>, pois agora descobre-se, de algum modo, que o mundo nos pensa e só de dentro do pensar do mundo é que podemos pensar e não pensar. Mas só que a suspeita da filosofia na e pela filosofia tem sempre ainda em vista uma filosofia ainda mais absoluta, pois a filosofia já se tornou o paradigma da sua suspeita por ter-se estabelecido como paradigma de uma civilização marcada pela vontade de universalizar e totalizar o seu desejo – obsessivo – de universalizar e totalizar, isto é, de submeter toda diferença à hegemonia do um, de conformar toda diversidade à uniformidade do um totalizador e universal. A suspeita da filosofia pela filosofia gerou vários gestos modernos: o gesto da autocrítica filosófica, herança kantiana reavivada por Foucault e Butler; o gesto da “fragmentação” filosófica, cumprido pelo romantismo; o

---

2 O bom senso é a coisa do mundo mais bem distribuída: todos pensamos tê-lo em tal medida que até os mais difíceis de contentar nas outras coisas não costumam desejar mais bom senso do que aquele que tem.

gesto da “genealogia” filosófica, nietzscheana; o gesto da “destruição” da filosofia – usando aqui destruição no sentido hermenêutico conferido por Heidegger a esse termo; o gesto da “desconstrução”, pensando no modo como Derrida desenvolveu a destruição proposta anteriormente por Heidegger; e inúmeras variações e reverberações do prefixo “des” – que, na tentativa de desprender-se e desgarrar-se dos paradigmas e matrizes filosóficos sem recair em novas fixações, fixa-se todavia no “des” – desenvolvendo os neo-dogmatismos do não dogmatismo. Em todos esses gestos críticos, autocríticos, fragmentadores, genealógicos, destrutivos, desconstrutivos – destitutivos – libertários da hegemonia filosófica – o pensar não para de acertar contas com o já pensado – no gesto que reafirma a filosofia como um não-isso, não-mais-isso e enfrenta com dificuldade o não saber para onde ir. Assim é um relacionamento com o passado – um acerto de contas com o passado que dá o pulso da procura de um futuro. Até certo ponto pode-se afirmar que a tensão entre o “espaço da experiência” e o “horizonte de expectativa”, retomando os termos propostos por Reinhard Koselleck, o historiador alemão de tradição hermenêutica, evidenciam o pathos hermenêutico desses vários gestos filosóficos da Idade Moderna, a idade dos *renascimentos*, das *reformas*, das *revoltas*, das *revoluções*. Mesmo na crítica à hermenêutica, de Habermas a Deleuze, de Derrida a Rancière e Susan Sontag – a crítica de que a hermenêutica retraditionaliza em lugar de romper com a tradição, reinstitucionaliza em lugar de se insurgir contra a instituição – crítica que poderia ser narrada como a luta entre o prefixo “re” e o “des” – a luta é entre o passado e o futuro, entre pensar e agir – o desafio cada vez mais urgente da décima primeira tese a Feuerbach de Marx : “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”. E ainda que se queira criticar Marx e afirmar que essa tese é ela mesma uma interpretação, ela pronuncia de maneira clara e direta a miséria da filosofia enquanto paradigma de uma civilização. Platão indicou certa vez a disputa interna da filosofia como uma *gigantomaquia peri tes ousias*, uma luta de gigantes sobre e pela essência [Sofista, 246-48]. Muito se discutiu e se discute sobre o que é essência, pergunta aporética e viciada, pois precisaria supor que se saiba a essência para se definir a essência da essência; mas sem nos enrolarmos com esses loops linguísticos, resta perguntar quem são os gigantes? Os célebres filósofos? Ou não serão os gigantes o passado e o futuro – essas duas eternidades, uma atrás e a outra diante de nós, esse dois infinitos que Hannah Arendt discutiu a partir dos fragmentos de Kafka,

intitulados *Er*?<sup>3</sup>. Em toda essa luta entre tradição e inovação, ruptura da forma e reforma da forma, demolição do já sabido e construção de um novo saber, experiência e expectativa, antes e depois, toda essa luta gigantesca clamando e aclamando o salto, seja para cair na real ou para sair da real, toda essa luta salta no entanto por cima do hoje, do aqui e agora. Foucault louvou Kant por ter sido o primeiro filósofo a comprometer a filosofia com o hoje, no sentido de ter reivindicado dela um posicionamento no hoje: e Kant foi ativista a seu modo, na discussão sobre o papel da filosofia no espaço público e na universidade, sobre o uso público da razão como diverso do seu uso privado, etc. Mas aqui também salta-se por cima do hoje quando o hoje se reduz ao lugar onde o discurso filosófico se publica e se enuncia; quando o hoje se reduz ao momento atual, ou seja, ao lugar e ao momento, não obstante essa inserção da filosofia no espaço público do hoje seja muito importante, sobretudo quando temos que lutar hoje mais do que nunca, tanto pela preservação da universidade pública como pela sua renovação. Mas ainda assim salta-se por cima do hoje, do hoje no seu modo próprio de se dar como hoje, *hodie*, como esse dia aqui e agora, pois o hoje, o nosso inexorável - já que estamos todos os dias no hoje - é precisamente o que nos escapa, como nos escapa o ar e as palavras ao tentarmos segurá-los com as mãos. E hoje - no sentido imediato de lugar e momento onde estamos - o hoje não só nos escapole como se tornou a explicitação global de que nos escapulimos a nós mesmos.

Hoje é uma palavra que nos situa entre o ontem e amanhã. Nessa palavra vemo-nos jogados nessa estranha representação do tempo como uma sucessão, a medida segundo um antes e um depois. O hoje, *hodie*, esse dia, é pensado como uma espécie de zum expansivo do agora, do instante, unidade mínima que divide o antes e o depois. Em todos os seus graus, por assim dizer, instante, agora, hoje são apreendidos como um entre divisor das extensões e porções delimitáveis que são o antes e o depois, o passado e o futuro, e até mesmo o infinito para trás e o infinito para frente. Mas o instante, o agora, o hoje neles mesmos - como apreendê-los enquanto instante-já? Como apreender o que não se fixa em nada, nem em memória nem em imaginação? Como apreender o que não possui forma alguma, o informe do que não é, nem foi, nem será, por estar sendo? Como apreender o sendo sendo, o ato em ato? Como segurar nas mãos da palavra ou do conceito o sendo? Não o ser, nem mesmo ser, mas esse gerúndio tão enigmático, do estar sendo, estar acontecendo e o modo de saber que dele emerge: um sabe-se e não um sabe

---

3 Hannah Arendt. *Entre o passado e o futuro* (SP: Perspectiva, 1972)

isso ou aquilo, que é isso ou aquilo, o que fulano ou beltrano disse a seu respeito? Espantoso, porém, é como o fato mais contundente, inexorável e inalienável - o sendo, o estar sendo – passe continuamente despercebido da existência. E que só em raros momentos, estamos no estar sendo, tocamos o ser tocados pelo sendo. Quantas vezes já pudemos dizer: estou sendo? Não isso ou aquilo, nem esse ou essa, mas simplesmente sendo. Quantas vezes e em que circunstâncias pode-se dizer: isso é. Tu és. Não isso ou aquilo, não uma determinação ou uma definição, mas simples e brutalmente é, sendo: o sendo sendo em cada um. É isso que significa presença – não o ser simplesmente dado, mas o com-tato com o sendo.

Trazer no contexto dessa discussão o hoje, o agora, o instante-já para o sendo, para o é – sem predicções, mas num uso inusitadamente transitivo, o sendo nos sendo, sendo em cada um, – é trazer a necessidade de pensar o nosso hoje desde o *sem forma* do sendo e não desde a tensão entre as formas irreversíveis do passado e as formas projetadas para um amanhã. Estamos na hora do agora, na urgência do sendo. Um aspecto importante desse pensamento do sendo é a apreensão do seu *sem forma*, a lição que *sendo* nos dá de como apreender o seu sem forma, o sem forma do instante-já, do sendo, do é, impredicado, que ademais marca a cultura, a literatura e arte brasileiras de maneira única [no meu entender foi o que deu sentido à linda fita de Moebius e não o inverso]. Basta lembrar a literatura de Clarice Lispector, que explicitou com riqueza infinita a linguagem e o pensamento do sendo. Mas o ponto importante para nós aqui é sobre a força criadora da atenção ao sendo nele mesmo, à sua informidade, à sua inapreensibilidade, à sua aparente abstração, que como as linhas de um desenho é mais a figuração do estar se fazendo – o traçar de linhas se traçando. É que estamos avassalados pela tremenda violência de um capitalismo – uma designação mais econômica do que a filosofia chamou de nihilismo - que atua precisamente ao disformar todas as formas, ao esvaziá-las de suas significações, arrancando toda forma de viver de suas formas, de suas terras, de suas comunidades, obrigando tudo à flexibilidade [do empreendedorismo, da terciarização, para quem tem a “sorte” de estar no mercado de trabalho], a um pode ser qualquer coisa, a uma ‘qualquerização’ que, concretizada pelas novas tecnologias de informação, tornam esse processo de perda exponencial, a ponto de cada um acreditar poder dar a forma que quiser a esse contínuo esvaziamento da forma. Sabemos – ou deveríamos saber por experiência histórica – que fascismo é idolatria de formas tipológicas – mas que hoje vivemos como paródia macabra da própria forma histórica do fascismo. É preciso entender a dinâmica de produção de



significação hoje com a contínua ambiguição de todas as significações, um processo inerente à tecnologia midiática – (isso é uma extensa discussão), uma dinâmica que esvazia o sentido pela exacerbação de suas significações, pela sua caricatura: [quanto mais palavras sujas são espalhadas por todos os canais e redes, mais se esvazia o sentido de “liberdade de expressão”, que se vê confundida com falar sujo e a abertamente sobre as verdadeiras sujeiras da política que nos avilta. [E dizer que é assim que o povo fala!!!].

Há muito o que discutir sobre todas essas questões. Mas quero aqui chamar atenção para a urgência do trabalho do pensamento – em todas as suas formas – para discernir o mais difícil – o mesmo do igual: um trabalho de desambiguição, de precisão, em todas as frentes do pensamento, que nada tem a ver com redução a sentidos unívocos pois isso é a estratégia fascista. É em vez um trabalho de precisão, capaz de devolver o sentido ao seu em-aberto sempre preciso, o trabalho de distinguir o sem forma do sendo da disformidade do qualquer coisa, do vale tudo, que hoje é a base de nossa destruição, a base do predadorismo que rege o mundo; pois em questão está a invenção de *outras* formas de viver, que não é de modo algum o mesmo que encontrar um lugar ao “sol” obscurantista no modo capitalista/nihilista de existência. Mas encontrar formas de viver que sejam formas abertas e não fechadas, que sejam bem mais “reproduções” do sendo e não de estereótipos de identidade, de exotizações de tipos, essa estratégia básica de todo fascismo, dos velhos e dos novos – com uma diferença: o neofascismo que nos arrebeta agora é a contínua reprodução da reprodução de formas toscas e caricaturais, que se faz pela contínua ambiguição dos sentidos e significações – sem o que a loucura que vivemos não seria possível. Essa que confunde tudo - por exemplo, a crítica da metafísica da substância, a necessidade de pensar ser como devir e devires, a unidade como pluralidade com flexibilidade capitalista – (não é de surpreender que as escolas de economia de Estocolmo e de Copenhague se definam como deleuzeanas e foucaultianas!). Os textos ideológicos da *nouvelle droite* (a nova direita) francesa mistura os sentidos com a habilidade retórica francesa a tal ponto que, em certos trechos, parece um texto progressista de esquerda, ao incorporar vários tropos dos “inimigos” – não se sabe muito bem onde se está discursivamente – pois não sabe muito bem onde se está em parte alguma quando tecnologicamente se está ao mesmo tempo aqui e aí, onde antes pode virar depois a qualquer momento e o depois antecipado. Mas o que toda essa loucura enlouquecida - lembrando a frase tremenda do capitão Ahab no *Moby Dick* de Melville ao dizer que a loucura enlouqueceu – não consegue erradicar é o estar sendo – esse fato nu

e cru – que talvez seja o que mais se opõe à vida nua biopolitizada – sendo – que tocado no seu tocar contínuo faz aparecer o contato mais radical e, assim, a urgência de que precisamos re-existir: é como se precisássemos conseguir ser tocados pelo que sempre está nos tocando – o sendo (mais uma vez, não isso ou aquilo). Lições do sendo: acho que aí se enuncia a nossa urgência.

O trabalho de pensamento – esse trabalho de desambiguação – é um trabalho do sentido – não para encontrar um sentido único, total e universal, porque isso é o que mobiliza o desejo de significação – mas o trabalho onde sentido readquire seus vários sentidos, sentido da sensibilidade, sentido da compreensão, sentido das orientações e rumos, trabalho do sentido é trabalho de traçar o se traçando de linhas, trabalho de escuta, escuta do estar sendo aqui e agora, que sem o contato com o pulso e pulsar do sendo não é possível; há tanto o que aprender com o trabalho artístico no que se refere justamente a pensar desde o sendo. Há uma urgência da presença, do presencial, do contato que o confinamento e o isolamento cortam e cujo corte do contato se vê amaciado e se naturalizando, precisamente quando a euforia dos encontros zum – das plataformas zums – dos *lives* e *streams* se torna explosiva. Há uma urgência da universidade presencial, que coincide com a presença ativa da universidade na sociedade. Mas é preciso levar a sério essa urgência do sendo como um chamado da filosofia para desambiguar a significação do sentido, um chamado para a precisão do sentido, precisão em todos os seus sentidos. E assim de precisar o seu sentido – que hoje por toda parte no mundo se confunde com acúmulo de conhecimentos, com um novo tipo de enciclopédismo, o wikipedismo – como se as citações filosóficas só servissem para a memetização / (nem mais para a mimetização) das informações. Hoje está muito claro como o excesso de informação desinforma, o possível acesso a tudo turva a possibilidade de nos encontrarmos nas questões que o mundo nos coloca. A cultura filosófica sobrevive como uma cultura de repetição, algumas vezes de tentativas cansadas de retomada das questões cruciais da filosofia. Hoje cada palavra, cada conceito, cada concepção precisa não apenas ser repensada, como hoje se faz tão rapidamente ao construir novas palavras a cada minuto – a mídia e as tecnologias de informação, com o acesso múltiplo, as multimídia, os google translates, a circulação permanente gera novas palavras o tempo todo, trocadalhos de toda espécie confundindo novas palavras com novos conceitos, sentidos e significações se contaminando o tempo todos – o *logos* adora essa confusão! que é também muito criativa. Cada palavra e cada conceito precisa ser cuidado. A linguagem precisa ser cuidada. Nunca se precisou tanto de poesia, essa grande tomadora de conta

do mundo! O mundo nunca colocou tão à flor da pele a questão enunciada de há muito na linguagem filosófica em termos de identidade e diferença, existência e mundo, singularidade e coletividade, pois hoje todas essas oposições nítidas e asseguradoras: dentro e fora, interior e exterior, privado e público estão tão misturadas, invertidas, que não sabemos mais de que se está falando. Mas em tudo isso, seja na clareza impositiva e cerceadora das distinções metafísicas, seja nas inversões e misturas anti-, pós- neo metafísicas, esses termos sempre se co-pronunciaram, expropriando a experiência do sendo – e sobretudo deixando intocada a “dialética” que articula esses termos em termos de dentro e fora, inclusão e exclusão – não dando lugar à experiência do entreser – experiência do sendo.

Fernando Pessoa numa anotação filosófica escreveu: fundir-se ou entreser-se. Essa pergunta nos atravessa. Fundir-se – no sentido fascista de união fusional – ou entreser-se, deixando abrir espaços em aberto, tais esboços de ser, ritmos de ser? Para entreser-se – e deixar a força do entre-nós crescer como um verbo, acolhendo na língua um novo verbo, o verbo *entre-ar*, é preciso me parece reunir forças para re-existir – recebendo as lições de como o sendo está sendo em nós.